**Desenho de personagem de desenhos animados com texto preto sobre fundo branco

Descrição gerada automaticamente com confiança médiaInstituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ**

Departamento de Línguas e Literaturas

Equipe de Língua Portuguesa e Literaturas

Coordenador: Lucas Matos

Disciplina: Literatura

Professores: Adriana Gonçalves e Carlos Henrique Fonseca

Nome:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Turma:\_\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**APOSTILA 4: O AMOR NA POESIA ROMÂNTICA**

| **TEXTO I: “É ELA! É ELA! É ELA! É ELA!” – ÁLVARES DE AZEVEDO**  É ela! é ela – murmurei tremendo,  E o eco ao longe murmurou – é ela!  Eu a vi minha fada aérea e pura –  A minha lavadeira na janela!  Dessas águas furtadas onde eu moro  Eu a vejo estendendo no telhado  Os vestidos de chita, as saias brancas;  Eu a vejo e suspiro enamorado.  Esta noite eu ousei mais atrevido  Nas telhas que estalavam nos meus passos  Ir espiar seu venturoso sono,  Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!  Como dormia! que profundo sono!...  Tinha na mão o ferro do engomado...  Como roncava maviosa e pura!...  Quase caí na rua desmaiado!  Afastei a janela, entrei medroso;  Palpitava-lhe o seio adormecido...  Fui beijá-la... roubei do seio dela  Um bilhete que estava ali metido...  Oh! de certo... (pensei) é doce página  Onde a alma derramou gentis amores;  São versos dela... que amanhã decerto  Ela me enviará cheios de flores...  Tremi de febre! Venturosa folha!  Quem posasse contigo neste seio!  E ela entre beijos murmurou-me: “adeus:”  Passaram tempos... séc’los de delírio  Prazeres divinais... gozos do Empíreo...  ... Mas um dia volvi aos lares meus.  Partindo eu disse – “Voltarei!... descansa!...”  Ela, chorando mais que uma criança,  Ela em soluços murmurou-me: “adeus:”  Quando voltei... era o palácio em festa!...  E a voz d’Ela e de um homem lá na orquestra  Preenchiam de amor o azul dos céus.  Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!  Foi a última vez que eu vi Teresa!...  E ela arquejando murmurou-me: “adeus!”  (In: *Espumas flutuantes*. São Paulo: Melhoramentos, 2012, p. 53)  **TEXTO III: “MARABÁ” – GONÇALVES DIAS (fragmento)**  Eu vivo sozinha; ninguém me procura!  Acaso feitura  Não sou de Tupá!  Se algum dentre os homens de mim não se esconde:  — “Tu és,” me responde,  “Tu és Marabá!”  — Meus olhos são garços, são cor das safiras,  — Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;  — Imitam as nuvens de um céu anilado,  — As cores imitam das vagas do mar!  Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:  “Teus olhos são garços,”  Responde anojado, “mas és Marabá:  “Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,  “Uns olhos fulgentes,  “Bem pretos, retintos, não cor d’anajá!” | Como Otelo beijando a sua esposa  Eu beijei-a a tremer de devaneio...  É ela! é ela – repeti tremendo;  Mas cantou nesse instante uma coruja...  Abri cioso a página secreta...  Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!  Mas se Werther morreu por ver Carlota  Dando pão com manteiga às criancinhas,  Se achou-a assim mais bela – eu mais te adoro  Sonhando-te a lavar as camisinhas!  É ela! é ela! meu amor, minh’alma,  A Laura, a Beatriz que o sol revela...  É ela! é ela – murmurei tremendo,  E o eco ao longe suspirou – é ela!  (In: *Álvares de Azevedo: poesia*. Organização de Maria José da Trindade Negrão. Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 76-77)  **TEXTO II: “O ‘ADEUS’ DE TERESA” – CASTRO ALVES**  A vez primeira que eu fitei Teresa,  Como as plantas que arrasta a correnteza,  A valsa nos levou nos giros seus...  E amamos juntos... E depois na sala  “Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...  E ela, corando, murmurou-me: “adeus”.  Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...  E da alcova saía um cavaleiro  Inda beijando uma mulher sem véus...  Era eu... Era a pálida Teresa!  “Adeus” lhe disse conservando-a presa...  — É alvo meu rosto da alvura dos lírios,  — Da cor das areias batidas do mar;  — As aves mais brancas, as conchas mais puras  — Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —  Se ainda me escuta meus agros delírios:  — “És alva de lírios”,  Sorrindo responde, “mas és Marabá:  “Quero antes um rosto de jambo corado,  “Um rosto crestado  “Do sol do deserto, não flor de cajá.”  [...]  \_\_ Meus loiros cabelos em ondas se anelam,  — O oiro mais puro tem seu fulgor;  \_\_ As brisas nos bosques de os ver se enamoram ,  — De os ver tão formosos com o um beija-flor!  Mas eles respondem: “Teus longos cabelos,  “São loiros, são belos,  “Mas são anelados; tu és Marabá:  “Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,  “Cabelos compridos,  “Não cor d’oiro fino, nem cor d’anajá.”  E as doces palavras que eu tinha cá dentro  A quem nas direi?  O ramo d’acácia na fronte de um homem  Jamais cingirei:  Jamais um guerreiro da minha arazoia  Me desprenderá:  Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,  Que sou Marabá!  (In: *Gonçalves Dias: poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, p. 371-372) |
| --- | --- |

* **CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR NA POESIA ROMÂNTICA:[[1]](#footnote-0)**

Como discutimos anteriormente em nossas aulas, o Romantismo foi um movimento artístico e literário que exaltou bastante as **expressões das subjetividades** – assim, o **amor** foi uma temática recorrente na literatura romântica. Nos poemas acima, a experiência amorosa é central para o sujeito poético, porém há algumas particularidades. Vejamos:

* O **texto I**, de Álvares de Azevedo, é contemporâneo ao que se denominou posteriormente como a **segunda geração da poesia romântica brasileira**. São traços comuns a essa geração um certo **pessimismo**, uma **intensa expressão da subjetividade** e a **idealização da mulher amada**, sempre distante, de forma que a concretização desse amor se torna **impossível**. O poema de Álvares de Azevedo, carrega muitos desses traços, mas há também a presença de uma **ironia** a respeito dessa figura feminina sempre idealizada e desse amor impossível, nunca concretizado.
* O **texto II**, de Castro Alves, é relacionado ao que ficou conhecido posteriormente como **terceira geração da poesia romântica brasileira**. Como vimos anteriormente, os poetas contemporâneos a essa geração foram bastante influenciados pelos **ideais abolicionistas**, abordando também muitas **temáticas sociais** em seus escritos. Além disso, uma outra renovação que promoveram foi no tratamento poético dado ao amor: enquanto a segunda geração da poesia romântica brasileira enveredava por essa extrema idealização da mulher amada e da experiência amorosa não concretizada, o **amor** no **texto II** é representado como **possível**, **concretizado**, sem a imagem da mulher amada como um “anjo” ou uma eterna virgem, ou seja, sempre distanciada.
* O **texto III**, de Gonçalves Dias, carrega um traço muito comum a toda literatura romântica: a expressão da subjetividade. Contemporâneo ao que se denominou posteriormente como **primeira geração da poesia romântica brasileira**, a experiência amorosa neste poema evidencia os traços que mais foram explorados por essa geração: **a exaltação da nacionalidade, do espaço brasileiro e o indianismo**. Assim, o sujeito poético – aliás, **em feminino**, herança intertextual das cantigas de amigo galego-portuguesas e marca singular dentro da poesia romântica brasileira – sofre por não corresponder ao ideal de beleza do **indígena como grande símbolo da nacionalidade**. Quando o interlocutor afirma que o sujeito poético em feminino não tem os traços necessários para vivenciar essa experiência amorosa, há também uma leitura de que **o amor, antes de tudo, deve ser direcionado ao ideal pátrio**.

**QUESTÕES:**

01) No **texto II**, há uma relação intrínseca entre a passagem do tempo e a experiência amorosa. **Explique** essa afirmativa.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

02) Como discutimos, o **texto III** é um poema contemporâneo ao **indianismo**, marca da primeira geração da poesia romântica brasileira. Com base nisso, responda:

a) Qual é a relação entre o **corpo** do sujeito poético e a **natureza**?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

b) Ao longo do poema, o **interlocutor** (o homem amado) faz uma sequência de **comparações**. O que elas evidenciam?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

03) Apesar de idealizar a mulher amada, o sujeito poético do **texto I** não deixa de **ironizar** a **experiência** **amorosa** ao longo do poema. **Explique** essa alternativa.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

04) Os textos de Álvares de Azevedo, Castro Alves e Gonçalves Dias tematizam a **experiência amorosa**. Assim, responda: quais as **semelhanças** e **diferenças** que podemos encontrar entre eles?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. Fonte consultada: Afrânio Coutinho. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. [↑](#footnote-ref-0)